

Para educar crianças feministas: um manifesto¹

Fernanda dos Santos Ueda

Escritora de voz forte e pública, a favor da igualdade de raça e de gênero, esta é Chimamanda Ngozi Adichie, feminista. Adichie nasceu na Nigéria, na cidade de Enugu, em 1977. Filha de um professor universitário de estatística e de uma administradora, leitora e escritora precoce. Sua família era típica classe média. Cresceu na cidade de Nsukka. Terminou o ensino secundário com inúmeros prêmios acadêmicos e iniciou a Faculdade de Medicina na *Universidade da Nigéria* por um ano. Adichie mudou-se para os Estados Unidos, aos 19 anos, para estudar comunicação - como bolsista – na Universidade de *Drexel*, na Filadélfia. Transferiu-se para a Universidade de Connecticut e finalizou a graduação em Comunicação Ciência Política. Prosseguiu seus estudos em escrita criativa na Universidade Johns Hopkins de Baltimore, em 2001. E, em 2008, recebeu seu mestrado em Estudos Africanos pela Universidade de Yale. Ganhou inúmeros prêmios por suas obras *A Cor do Hibisco*, o seu primeiro romance, *Meio Sol Amarelo* e *Americanah* e seu recente *No seu pescoço*, de 2017. Suas obras e suas palestras a tornaram mundialmente conhecida pela defesa da igualdade de gênero e raça.

Em 2017, Chimamanda publica o livro “Dear Ijeawale, or a Feminist Manifesto in Fifteen Sugestions”, o qual recebe o título no Brasil de “Para Educar Crianças Feministas: um Manifesto”, com tradução de Denise Bottmann, pela Editora Companhia das Letras. No esteio de suas obras, a autora em - quinze sugestões - resgata a temática da igualdade de gênero. Trata-se de uma obra sucinta feita par auxiliar uma amiga que pediu diretrizes para criação de sua recém-nascida filha.

O manifesto inicia com a necessidade da manutenção das atividades externas para completude, plenitude, das mulheres, principalmente as mães. Estas não deveriam se desculpar quando saem para trabalhar. Aqui a autora trata do “uso da tradição” de forma seletiva, pois há a falaciosa ideia de que a maternidade e o trabalho são mutuamente excludentes. A segunda

¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

sugestão é para a divisão de tarefas entre o homem e a mulher, evitando-se, assim, a reduzir o papel do homem a mero coadjuvante na criação dos filhos.

A terceira sugestão é evitar o “porque você é menina!”. A autora critica os papéis de gênero, os quais devem ser rechaçados e não reafirmados. “Saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina”. Adichie trata de forma bem-humorada da divisão de cores por gênero, azul-rosa, e das recentes seções de roupas infantis do “gênero-neutro”. Do mesmo modo descreve as divisões de brinquedos por sexo e da precocidade com que a sociedade afasta das meninas os brinquedos ativos por meio de estereótipos de gênero. Fato que facilmente se observa no cotidiano através dos brinquedos delicados e fofos em contraposição aos estratégicos, lógicos ou de raciocínio destinados aos meninos. A autora finaliza o capítulo preconizando o ensino da autonomia às crianças, conforme suas necessidades.

A autora refuta o “Feminismo Leve” que seria a “ideia de uma igualdade feminina condicional” que utiliza de analogias conciliatórias com a manutenção da desigualdade pela condescendência masculina do “deixar”. Segundo a autoria, “deixar” significa poder do homem, do patriarcado, como se fosse necessária uma permissão, ou autorização implícita, para as mulheres alcançarem seus objetivos, quer na vida pessoal, quanto na profissional.

O incentivo nas crianças ao amor aos livros é sua quinta sugestão, e a sexta, o questionamento da linguagem como instrumento antagonista de reafirmados preconceitos. Adichie trata também da sutileza da misoginia que se oculta em meras ações cotidianas. Condutas que, revestidas de cavalheirismo, somente perpetuam a premissa que as mulheres são frágeis, delicadas, quebradiças, devendo, portanto, ser “defendidas e reverenciadas”.

Adichie sublinha a aspiração ao matrimônio como realização pessoal às meninas. Consequentemente existe uma desigualdade do significado do casamento para os sexos. Notícia como a conservação de seu próprio sobrenome causou grande hostilidade das mulheres, o que denota imensa pressão social. Mudança do sobrenome acarreta numa mudança psíquica, de Srta. para Sra. Os homens, contrariamente, são senhores do momento que nascem até sua morte.

A autora prossegue na oitava sugestão dizendo que é imprescindível evitar a necessidade de agradar a uma “entidade amorfa chamada “as pessoas””. Essa contenção imposta às meninas é tão grande que se tornou facilitadora de predadores sexuais. Adichie menciona que a necessidade em agradar acarreta na coisificação das meninas frente a opinião alheia.

No senso de identidade é que recai a nona sugestão, no caso de Adichie, ensinar o orgulho de ser uma Mulher Igbo, da cultura e da “capacidade de resistência dos africanos e negros”. Esta força se contraporia à supremacia da cultura branca, sedimentada na publicidade, nas artes, nos livros e na televisão. É o que autora chama de “ensinar orgulho”. Ressalta que a desigualdade social, o preconceito e a dignidade humana devem ser ensinados, sendo o respeito a forma de combate dos dois primeiros. Trazendo o tema para a realidade brasileira, seria mostrar às crianças o orgulho de ser uma mulher brasileira e, em termos regionais, uma mulher brasileira negra, ou índia, ou nordestina etc. Ou seja, utilizar a força da cultura como reforço na identidade de gênero.

A autora prega a necessidade de que a feminilidade e o feminismo não são antagônicos ou excludentes. Ponto alto da sugestão é a menção, por Adichie, de que não se deve associar a vestimenta da menina a uma questão moral, ato de decência, indecência ou análise de caráter. Os cabelos das meninas negras não devem significar sofrimento físico ou penar. A autora pondera que na Nigéria há casos – dentro da escola – de meninas humilhadas por ter cabelo “não ajeitado”. O modelo de beleza de mulheres magras e brancas é apenas um dentre inúmeras belezas existentes.

Já na 11ª sugestão é impedir o uso da biologia como fundamento de normas sociais, mormente o privilégio masculino justificado pela superioridade da força física, bem como para desculpar a promiscuidade masculina como se fosse uma força da natureza invencível. Na 12ª, a autora sugere que o sexo ou a sexualidade devem ser ensinados, sobre qual a melhor nomenclatura para os órgãos sexuais e menciona que o sentimento de culpa sobre a sexualidade feminina é uma questão de controle; este quer por limitação social ou por fonte religiosa. Ressalta ainda que a sexualidade e a virgindade não devem ser o “foco central”, bem como os ciclos menstruais são meros momentos biológicos naturais.

A 13ª sugestão fala dos romances, sexo e amor. Como para as meninas grassa a conversa com temáticas de homens. O contrário, porem, não é regra. Sob a ótica da autora, homens pouco falam sobre mulheres. A 14ª busca ensinar o que é opressão. Adichie repisa os discursos sobre gênero e da enganosa premissa que as mulheres são moralmente superiores aos homens. Trata neste ponto da misoginia feminina e de sua utilização para desacreditar o feminismo. Neste ponto, se observa uma aproximação com o Livro Mulheres e Poder – Um Manifesto de Mary Beard. No capítulo que trata da Voz das Mulheres, Beard (2018) aponta a desconsideração da voz feminina sempre dada como histérica e repleta de ideias bobas ou pueris.

Por fim, Adichie resgata o ensino da diferença como risco a universalizar seus conceitos pessoais para que internalize que a diferença é normal. Busca informar a sua amiga como lidar com os temas do homossexualismo, a diversidade religiosa e o ateísmo. Encerra com desejo de que a menina possa ter a vida quiser ter.

O livro “Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto” é uma obra curta e justa em seus propósitos. Claramente feito para tratar, de forma fluida, deliciosa e leve, sobre temas áridos, espinhosos e, muito, muito atuais. O retorno de alguns anseios pela sociedade contemporânea refrata exatamente a igualdade que a autora busca. O terrorismo, a xenofobia, o machismo vêm reverberando no discurso de muitos setores da sociedade. Assim, a obra de Adichie fala de feminismo com leveza, sensibilidade e bom humor. O que se vê tão importante para combater a intolerância na criação das futuras gerações.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

Fernanda dos Santos Ueda
Uniso | Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação
Sorocaba | SP | Brasil. Contato: fernandaueda@uol.com.br
ORCID 0000-0001-5713-9140